

## QUATRO PRISIONEIRO AFRICANOS NOS AÇORES

por  
MARIA DA CONCEIÇÃO VILHENA \*

No dia 27 de Junho de 1896, pela uma e meia da tarde, a canhoneira *Zambeze* fundeava em frente de Angra do Heroísmo. O Cais da Alfândega estava apinhado de gente e muitas centenas de pessoas circulavam pelas ruas, em desusada euforia. É que, a bordo, vinham quatro prisioneiros africanos. Tinham sido capturados no sul de Moçambique, em Dezembro do ano anterior, e já haviam passado três meses no forte de Monsanto. Curioso, o povo esperava impaciente.

Terminadas as habituais formalidades, os prisioneiros são trazidos para terra, escoltados por uma força de marinheiros.

A frente vinha Gungunhana, soberano destronado, filho de Muzila e neto de Manicusse (chefe zulu que, por dissidência com Tchaka, viera fundar o império de Gaza, no primeiro quartel do século XIX); ao seu lado Molungo, um velho tio e conselheiro, de ar desconfiado. Atrás dois jovens: o valente e destemido régulo Zixaxa, rapagão forte e vigoroso; e Godide, o único que falava português, filho de Gungunhana e herdeiro ao trono de Gaza, moço alegre e falador, a quem a juventude e a inexperiência mantinham ainda a confiança no futuro.

Os prisioneiros seguiram pela rua Direita e rua da Sé, a pé, até as castelo de S. João Baptista. Aí chegaram pelas quatro e meia; e aí ficariam detidos até ao último dos seus dias de vida. A multidão dos curiosos que os tinha seguido, juntavam-se aqueles que esperavam junto às portas do castelo, formando agora alguns milhares de pessoas. Era a atracção pelo diferente, a curiosidade pelo exótico.

---

\* Departamento de Línguas e Literaturas Modernas, Universidade dos Açores.

Recuemos um pouco no tempo, desloquemo-nos a África, e tentemos discernir qual a personalidade de cada um dos prisioneiros, e por que motivos vinham agora para os Açores. Qual o seu comportamento e quais os crimes por que haviam sido condenados ao exílio.

### 1. Gungunhana

No folheto *Gungunhana* (p. 23), editado por E. Borges de Castro, em 1896, encontramos um retrato, físico e moral, o mais resumido e completo que conhecemos; e que, por parecer traçado com uma certa objectividade, vamos aqui apresentar:

«Grosso, um pouco atarracado, sem atingir a elevada estatura de muitos de seus guerreiros, Gungunhana é, contudo, um homem extremamente vigoroso e ágil, possuindo musculatura bem contornada em todas as particularidades anatómicas da forma externa e uma figura airosa e bem proporcionada. Mão grande, pé pequeno e bem lançado. Fisionomia expressiva, inteligente e simpática, e não a cara de mazombo que muitos lhe atribuem. Suas feições são regulares, o olhar é bastante vivo, e o nariz alto (...). Gungunhana era excelente administrador das suas terras e povos, e possuía avultadíssima fortuna em libras, marfim e gado, principalmente bovino, e também muito do caprino. Como político, era finíssimo, mostrando compreender com rara perspicácia os assuntos que lhe convinham, mas fingindo-se tolo e desentendido quando os negócios lhe não quadravam, e apresentando neste campo argumentos a que se agarrava e dos quais não havia fazê-lo sair, por mais apertada lógica que para isso se empregasse.»

Vamos referir-nos ao conteúdo de uma carta do conselheiro José Joaquim de Almeida, datada de 23-IX-1892, e enviada ao jornalista Henrique de Carvalho. Aquando da prisão do régulo, foi publicada em *África Ilustrada* e reproduzida pelo *Diário de Notícias* do Funchal (26-I-1896).

Na opinião de J. J. de Almeida, Gungunhana é o mais notável régulo do ultramar. Tendo nessa altura apenas 42 anos de idade, já era então o senhor de um dos maiores impérios da África Oriental. Enérgico, ágil e forte, dum grande orgulho e duma notável perspicácia e inteligência, não era fácil iludi-lo, pois «raras vezes escapavam ao seu claro golpe de vista as mais escondidas intenções dos brancos

que com ele tratavam». Olhar inteligente, esperto e dissimulado, desconfiado de tudo e de todos, era difícil convencê-lo ou vencê-lo na sua argumentação; e o facto de usar e abusar do álcool não lhe tirava a lucidez do espírito. Só convencido aceitava dar-se por vencido.

José de Almeida, certamente o português que viveu mais de perto e por mais tempo junto do Gungunhana, no seu *Kraal*, dizia que, apesar do régulo ser um sanguinário autocrata, perante o qual todas as vontades se vergam e humilham, nunca lhe falou de pé, não lhe aceitou imposições nem afagou caprichos. E, todavia, sempre foi recebido no Manjacaze com as maiores provas de simpatia. Gungunhana era simpático e acolhedor, vindo a Violante cumprimentar José de Almeida, logo que sabia da sua chegada.

Eis como José de Almeida conta, num relatório de 1891, uma dessas visitas do régulo:

«Relatar agora a V. Exas. como o Gungunhana, impulsionado pelo hábito em que o pus desde o princípio das nossas relações, e que ele não observa para com mais ninguém, me veio visitar na manhã do dia 31; desenrolar-lhe o longo diálogo que travámos; expor-lhe a satisfação que ele manifestou em ver-me, e as palavras amáveis que me disse; falar-lhe da magnífica rês que me ofertou e da surpresa que tive ao vê-lo chegar com o seu confidente Mezanhua, num caleche arcaico tirado por dois cavalos, próximos parentes do de Tolentino; contar-lhe como de Zoutpans-Berg, por um preço fabuloso, lhe enviaram essa e outra equipagem semelhante, com cocheiros, trintanários e azémolas, seria motivo para tomar-lhe imenso tempo...»

Ungulani Ba Ka Khosa, moçambicano que obteve, em 1990, o grande prémio da ficção narrativa, abre o seu romance *Ualalapi* com estes quatro pareceres sobre Gungunhana:

«Entre este vinha o Ngungunhane que conheci logo, apesar de nunca lhe ter visto retrato algum; era evidentemente o chefe duma grande raça... É um homem alto ... e sem ter as magníficas feições que tenho notado em tantos seus, tem-nas, sem dúvida, belas, testa ampla, olhos castanhos e inteligente e um certo ar de grandeza e superioridade...» (Ayres D'Ornellas).

«Era um ébrio inveterado. Após qualquer das numerosas orgias a que se entregava, era medonho de ver com os olhos vermelhos,

a face tumefacta, a expressão bestial, que se tornava diabólica, horrenda, quando, nesses momentos se encolerizava...» (Dr. Liengme).

«Só direi que admirei o homem discutindo durante tanto tempo com uma argumentação lúcida e lógica...» (Ayres D'Ornellas).

«... mas toda a sua política era de tal modo falsa, absurda, cheia de duplicidade, que se tornava difícil conhecer os seus verdadeiros sentimentos» (Dr. Liengme).

Tratar-se-á de opiniões infundadas ou inconciliáveis? Não. É que Gungunhana era um temperamental, cujas atitudes contraditórias o tornavam imprevisível.

Patologicamente perverso, tentando sempre um jogo duplo que o levava a variações de identidade, e dado a viragens inopinadas, Gungunhana, afogado no álcool, era um homem abjecto e sem escrúpulos, que inspirava, mais que o medo, o horror. A tal ponto que o facto de amar esposas e filhos não o impedia de os matar num momento de cólera.

As opostas opiniões de Aires de Ornelas e do Dr. Liengme poderiam parecer não aplicáveis, com justeza, a uma mesma pessoa. Porém, não é assim. O Dr. Liengme, médico e missionário suíço, conheceu o Gungunhana de muito perto, convivendo com ele no dia a dia durante praticamente quatro anos. Viu-o portanto reagir nos bons e nos maus momentos, ora terno e compreensivo, ora déspota e tirano.

Aires de Ornelas, ao contrário, esteve no Manjacaze pouco mais de duas semanas, durante o mês de Agosto de 1895, num momento em que o régulo começava a perder a sua arrogância. Além disso, as palavras da carta de Ornelas à sua mãe, referem-se ao momento solene em que Gungunhana se apresentou aos portugueses, rodeado de grande pompa. São palavras que testemunham o respeito e a admiração de que foi tomado o oficial português, ao ver avançar o régulo na frente dos seus soldados: «Era evidentemente o chefe duma grande raça».

Depois de relatar como decorreram as reuniões, o oficial português volta a reconhecer a grandeza de espírito do Gungunhana:

«Enfim seria longo enumerar os argumentos apresentados de um e outro lado em três *banjas* de cerca de 4 horas cada uma. Só direi que admirei o homem, discutindo durante tanto tempo com uma argumentação lúcida e lógica.»

Trata-se duma observação de poucos momentos, em que a personalidade total do régulo não teve ocasião de se revelar, ao contrário do que sucedeu com o missionário suíço.

O Dr. Lengme assistiu várias vezes às danças chamadas «NKWAYA» que todos os anos tinham lugar no Manjacaze, a capital do reino; e refere alguns pormenores, cheio de repugnância. Também assistiu à tomada do «xarope guerreiro», para dar aos soldados ódio e excitação. A selvajaria dos bois despedaçados vivos. A fúria dos homens excitados pelos cânticos e danças guerreiras, pedindo freneticamente, com gestos furiosos «dá-nos gente para matar». Os sacrifícios humanos e consumo dos corpos sacrificados. A sede de sangue, que levava ao homicídio sem motivo. A figura horrorosa do régulo, nu, enfeitado com os tendões dos touros imolados, nos pulsos, e no cabelo a vesícula biliar do animal, contorcendo-se em danças macabras. Tudo isto enchia de horror o missionário suíço, que se sentia não só incapaz de lutar contra a escravidão e muitos costumes bárbaros, como de evitar o flagelo constante daqueles povos que já lá habitavam antes da chegada dos angunes e que eram frequentemente atacados.

O Dr. Liengme teve o desgosto de assistir a alguns dos acessos de cólera e actos de violência do régulo. Relembremos o sucedido no encerramento das festas anuais: enquanto todos cantavam e dançavam euforicamente, Gungunhana, talvez por não achar bem ritmados os passos de dois jovens, atingiu-os mortalmente no ventre, com a sua azagaia, e continuou a festa tranquilamente.

Também o missionário tinha conhecimento dos sacrifícios humanos, a que não conseguia opor-se. Conta Mousinho de Albuquerque que, ao entrar em Chaimite, em 28-XII-1895, era insuportável o cheiro a carne podre; o que fez supor que vários sacrifícios haviam sido praticados, para conseguir o favor dos espíritos contra o branco que se aproximava.

O Dr. Liengme confessa não ter tido ilusões relativamente à evangelização do império angune. Era impossível, declara ele. Numa sociedade em que se praticava, por ordem do seu chefe, os maiores crimes, o Evangelho não podia vingar. As leis do amor, do perdão e da caridade exigiam uma viragem total dos costumes, o que o missionário não previa, enquanto Gungunhana continuasse as suas atrocidades.

Ambicioso e déspota, Gungunhana obrigava todo o povo a trabalhar na construção do seu *Kraal*. Quer habitassem longe ou perto, todos tinham de contribuir ou com material ou com trabalho. Aliás ele tinha vários pretextos para se fazer oferecer presentes: quando começava a governar, quando casava uma das suas filhas, quando um conselheiro ou companheiro começava a usar a coroa ... E quando o seu exército ganhava uma batalha, os despojos e troféus tomados ao inimigo eram, na maior parte, para ele, que ficava habitualmente em casa e nunca arriscava a sua vida.

Recebia também frequentes presentes do intendente português e de ingleses, ou de outros pretendentes às suas boas graças.

Na sua enorme ganância, Gungunhana explorava o seu próprio povo, que o julgava como um deus e se lhe dirigia com preces e presentes. Eis como E. Borges Castro relata os rituais de súplicas, quando a chuva faltava:

«Quando as chuvas tardam e a agricultura começa a ressentir-se disso, vêm os povos em romaria ao *Kraal* do chefe, organizando numerosas procissões em volta da povoação e cantando preces ao régulo, para que lhes faça mercê da chuva que tanta falta lhes faz. Para o comoverem, trazem-lhe presentes e mais presentes de gado e de marfim. Muitas vezes, porém, como a seca se prolongue, o régulo declara ao povo que as dádivas ainda são poucas, e que eram precisas mais. O povo crente vai dando mais presentes, e assim se passam dias e dias, durante os quais as riquezas do régulo aumentam a olhos vistos; até que o régulo, vendo acumularem-se na atmosfera os nimbo prometedores de chuva, se declara satisfeito e pronto a atender às preces *ad petendam pluviam*.»

Além dos presentes, uma outra fonte de riqueza de Gungunhana estava na colecta de tributos sob os mais variados pretextos. Aos banianes, comerciantes indianos que negociavam nas suas terras, exigia-lhes quantidades de tecidos e de aguardente; e, se algum se atrevia a não corresponder com generosidade às suas exigências, imediatamente era expulso e as suas lojas pilhadas.

Conta H. Ph. Junod, missionário suíço em Lourenço Marques, que Gungunhana ordenava às vezes a extinção de todos os fogos; e estes só podiam ser reacendidos com brasas levadas da capital, depois do pagamento dos tributos devidos.

Presentes, tributos, despojos e rapina eram, pois, as suas grandes fontes de riqueza.

Gungunhana era, como já dissemos, um homem de meia idade, afável e acolhedor, que sabia ser (quando lhe convinha) benévolo, prestável, fiel aos amigos. Só muito instado, pressionado e ameaçado pelos portugueses, ele se decidiu a entregar os régulos que se tinham acolhido à sua protecção. Por muito tempo resistiu com arroubos de soberba, dominado pelo seu orgulho de chefe invencível; mas, aos poucos, à medida que ia sendo vencido em sucessivos combates, pelos portugueses, a confiança começava a sentir-se abalada. Até que, finalmente, não aguentou mais a recusa e teve de ceder. Aquele pedido de protecção que havia acolhido como uma homenagem ao seu prestígio de régulo famoso e temido, surgia-lhe agora como mais uma armadilha que vinha aumentar-lhe o descrédito. Amores, ódios, sonhos, tudo estava a desmorronar-se.

Quanto à idade do Gungunhana, José Justino Teixeira Botelho, em *História Militar dos Portugueses em Moçambique* (p. 405), ao falar da embaixada enviada pelo régulo a Lisboa, em 1885, diz ter ele, nessa altura, pouco mais de trinta anos:

«O Gungunhana era nesse tempo um negro alto, de pouco mais de 30 anos, nutrido, corpulento, dado à embriaguez e à crápula, (...) vícios que ainda assim o não avassalavam a ponto de lhe tolherem a lucidez de espírito precisa para reger os seus domínios com certo discernimento e sem perder de vista os seus interesses.»

Em 1892, José de Almeida diz ter o régulo 42 anos; e o Dr. Liengme, na mesma data, dá-lhe entre 40 e 45 anos.

Ao chegar aos Açores, diz-se ser de «meia idade», mas, três anos depois, no assento do baptismo, em 1899, atribuir-lhe-ão a idade de 60 anos, o que não se adequa de forma alguma às informações anteriores. E estas são ainda confirmadas por um facto: a idade de Godide, que teria à volta de 20 anos, ao ser preso, e que era o fruto das aventuras de juventude do pai. Se se fala de juventude, é porque o régulo teria, nessa data, pouco mais de 20 anos. Portanto supomos que, ao ser capturado, em 28-XII-1895, Gungunhana andaria entre 45 e 48 anos.

Relativamente ao facto de Gungunhana ter dado continuidade aos movimentos de expansão começados pelos zulus, e usando um

vocabulário pouco empregado nessa época, mas que goza hoje da predileção de muitos historiadores, poderíamos falar do espírito imperialista do régulo de Gaza. Como Manicusse e Muzila, Gungunhana tinha o gosto do expansionismo, pelo que poderá ser considerado como um pré-imperialista e pré-colonialista. A formação do Império de Gaza é disso uma prova.

Segundo escreve o Dr. Liengme, no comportamento habitual de Gungunhana havia muito de fúria torpe; e nós acrescentaremos que, apesar do seu carácter violento e agressivo, Gungunhana não era um valente. No momento da sua prisão, Manhune, seu conselheiro e amigo, fuzilado nesse momento, revelou-se digno e corajoso. Com admiração, Mousinho de Albuquerque escreveu no seu relatório que «não é possível morrer com mais sangue frio, altivez e verdadeira heroicidade». Ao contrário de Manhune, Gungunhana não tinha aquelas qualidades próprias do herói tradicional. Tinha um medo enorme de morrer, a pontos de se pôr de joelhos a chorar, beijar as botas dos brancos e pedir perdão. Foi o que fez, ao entrar na lancha-canhoneira *Capelo* no dia em que foi preso; isto porque lhe faltava a coragem que dá serenidade na perspectiva do sofrimento. Gungunhana não era um herói. Havia sido, sem dúvida, um chefe poderoso e de grande prestígio, o que lhe vinha mais da riqueza que possuía e do terror que inspirava do que de uma estima e respeito merecidos. Além disso, Gungunhana possuía a *ciência* da protecção e da desinformação do adversário. O seu sistema de espionagem era quase perfeito. Só que a contra-espionagem funcionava ainda melhor. O seu prestígio começa a ser abalado e a sua grandeza ruiu finalmente.

Gungunhana perde então a severidade e passa à contenção. Uma reviravolta inesperada, que não agradaria certamente ao Molungo, o velho de *antes quebrar que torcer*. Aquele que caminhava arditamente no fulgor da selva, agora, caçado pelo branco, caminhava em passos hesitantes, vacila perante os seus carrascos e mostra-se incapaz de recusar a assimilação.

A resistência física e psíquica do régulo ia permitir-lhe viver dez anos de angustioso isolamento, de nostalgia e contenção. Gungunhana viria a falecer no dia 23 de Dezembro de 1906.

## 2. Zixaxa

Tracemos, em seguida, o retrato do arrojado Matibejana, régulo da Zixaxa, e protegido de Gungunhana.

A Zixaxa era um pequeno reino, muito próximo de Lourenço Marques, governado pelo régulo Amule, que se havia sublevado, em 1872. Isto porque havia a convicção de que os portugueses eram fracos, correndo a fama de que «branco é galinha»; e ainda de que «branco é mulher, não mata». O régulo Amule foi preso e deportado para Moçambique, onde ficou alguns anos. No seu regresso, ocupou novamente a chefia da região e não se rebelou mais contra Portugal; mas educou o seu neto no ódio e no desejo de vingança.

Mamatibejana, ou N'uamantibiane, era um jovem valente e belicoso, pronto a tirar desforra das mágoas causadas ao avô. Deste modo, ao assumir o governo da Zixaxa, Mamatibejana torna-se um vizinho indesejável. Os documentos da época constantemente lhe fazem alusão, como um inimigo a eliminar.

Entretanto Mamatibejana perde o seu nome e começa a ser designado pelo da sua região: o Zixaxa. Embora Mousinho, no seu relatório, ainda empregue o primeiro, o que é certo é que, mesmo em Moçambique, já começava a ser conhecido pelo segundo. Até o Godide, quando fala a seu respeito, diz sempre «o Zixaxa». Foi, pois, assim que ficou a ser chamado para o resto da sua vida, tal como havia sucedido com o seu próprio pai.

Educado na esperança duma desforra, o Zixaxa não espera muito tempo para vingar postumamente o avô. Diz o missionário Junod, em 1894, que o jovem régulo não teria mais de 20 anos. Todavia Eduardo de Noronha, em *A Rebelião dos Indígenas em Lourenço Marques* (p. 33), dá-lhe um pouco mais de idade. Ao mesmo tempo, refere como a pouca experiência da sua juventude era aproveitada pela cobiça dos que o rodeavam:

«O régulo da Zixaxa, Mamatibejana, rapaz de 24 para 25 anos, valoroso, inteligente e arbitrário, tendo atrás de si as tradições belicosas do seu avô Amule e de seu pai Zixaxa, pensando vingar-se da derrota, aprisionamento e desterro a que condenaram o seu antepassado, instigado pelo induna Mapatacanha, sonhando combates gloriosos, era habilmente incitado pelos grandes do Mahazuli e

por ele próprio para se pôr à frente do movimento ofensivo. Lisonjeando-lhe a vaidade, ofereciam-lhe o ser um grande potentado, o chefe de todos os régulos que se furtassem à vassalagem dos portugueses, um futuro Gungunhana, da margem direita do Limpopo. Prometiam-lhe o saque enorme da cidade, muito ouro nos bancos, imenso álcool nos armazéns, prodigioso número de fardos de fazenda nas casas comerciais, todo o armamento na sua mão, toneladas de pólvora em seu poder, o mar no seu domínio, a alfânega por sua conta, os brancos todos mortos à zagaiada e ele vitorioso como um rei zulu nos seus áureos tempos. Esta deliciosa miragem acabou por decidi-lo. Atacaria os portugueses.»

Zixaxa parece ter hesitado muito, antes de se decidir ao ataque. Numa reunião com os seus conselheiros, os mais velhos declaram-se contra; e só os mais jovens o apoiavam. A mãe, que, como todas as mães de régulos, fazia parte do Conselho, dizia estar certa da derrota do filho. Acontecer-lhe-ia como ao avô e ao pai. E, segundo consta, teria dito esta frase: «onde chegou o branco nunca mais o preto governa».

Irritado, Zixaxa insultou-a e pô-la fora da reunião. Disse-se depois que ele a tinha feito assassinar. Também um tio levantou a voz, para manifestar o seu desacordo. Ali mesmo Zixaxa o matou com um tiro.

Dizia mais tarde Godide, já em Lisboa, e para defender o pai, que este matava com azagaia, mas que o Zixaxa cortava as cabeças.

Realmente parecem horríveis as crueldades que se praticavam no seu reino, a avaliar pelos espectáculos relatados pelo missionário Junod: após uma vitória, os vencidos, brancos ou pretos, eram oferecidos aos seus soldados, para que se divertissem a matá-los, vindo depois dançar diante do régulo. Junod chama ao prazer desses soldados vencedores uma «felicidade infernal».

Zixaxa tivera, junto de si, o missionário protestante Roberto Mashaba, negro inteligente e culto, educado em Port Elisabeth. Segundo se afirma na «Crónica Geral» de *Portugal em África*, quando capturado, Zixaxa terá acusado Roberto Mashaba de ter sido o principal instigador à revolta. Este missionário, feito prisioneiro na mesma data, seguiu para o exílio, em Cabo Verde, no mesmo barco em que viajava Zixaxa. Terá sido em sua homenagem que este, ao ser baptizado nos Açores, escolheu o prenome de Roberto?

Além do desejo de vingar o avô e das inspirações de Roberto Mashaba, Zixaxa foi ainda incitado à revolta por causa de um *milando*,

originado por uma questão de partilhas. A este desentendimento se referira Zixaxa, ao chegar a Lisboa, acusando os portugueses de não terem querido resolver a contenda. J. J. Teixeira Botelho conta assim o retomar das hostilidades:

«Ora, sucedeu que o régulo de Magaia, um tal Mapunga, teve desavenças com outro chefe de nome Maveja, das vizinhanças do Transvaal, e o governador das terras, no desejo de pôr termo às cruentas rixas entre ambos, fez a partilha dos territórios de um e outro, sem respeitar o direito consuetudinário cafreal. Mapunga morreu, mas a contenda não serenou com a sua morte, pois seu filho, Maazuli, embora menor, espécie de D. Sebastião cafreal, mostrou-se desde o princípio ousadamente disposto a pugnar pelos seus supostos direitos, afrontando mesmo as ameaças da nossa autoridade. De facto, tendo-o esta chamado a Angoane, ele, em vez de se apresentar apenas acompanhado dos seus conselheiros ou indunas, compareceu com um séquito de 2.000 homens armados.»

Rebentam as hostilidades; e os portugueses querem o apoio dos régulos seus vassallos, que se mantêm hesitantes. Perante o silêncio destes, os portugueses atacaram a Zixaxa, cujo régulo se havia colocado ao lado do Mahazuli. Estava-se em Agosto de 1894; e Zixaxa decide começar a atacar os portugueses, fazendo pequenas incursões de que, a princípio, se saiu bem. Uma vez que atacou o posto militar de Angoane, ali encontrou a farda do tenente coronel Nogueira, que passou a usar, com a espada ao lado, mas descalço. Zixaxa apreciava, pois, as fardas dos militares portugueses.

Apesar do seu arrojo e do apoio do Gungunhana, Mamatibejana foi derrotado, ao atacar Lourenço Marques, no dia 14 de Outubro de 1894; todavia tentou ainda um novo ataque em 7 de Janeiro do ano seguinte. Nos ataques à cidade, faltara-lhe a participação do Mahazuli; e, após a derrota, Mamatibejana viu-se abandonado pelos régulos da Matola e da Moamba. Como a sorte das armas continua a ser-lhe adversa, apesar de constar ter um exército de 1000 homens com 500 espingardas europeias, Mamatibejana procura refúgio junto de Gungunhana.

Segundo as palavras do missionário H. A. Junod, Mamatibejana terá sido vítima do desvio duma carta. Eis o que escreve, no Apêndice XI da sua obra *Usos e Costumes dos Bantos*:

«Quando os Portugueses pediram a N'uamantibiane que cumprisse as suas obrigações, ajudando-os a submeter Mahazul (Agosto-Setembro de 1894) este jovem chefe, que não tinha mais de vinte anos, reuniu o seu exército. Um espírito guerreiro duma força irresistível animava essa gente. Retidos pelos seus conselheiros, que não queriam bater-se contra os seus companheiros rebeldes, N'uamantibiane hesitou e ficara sentado perplexo, no seu campo, preocupado e angustiado, rodeado dum lado pelos «grandes», do outro pelos seus jovens homens, que lhe gritavam: «Dá-nos, dá-nos homens para matar! Tu não passas dum covarde! manda-nos!» Dias trágicos em que acabou por permitir que um pequeno contingente fizesse um reconhecimento aos arredores de Lourenço Marques (6 de Novembro de 1894). Esta *impi* fez alguns prisioneiros e roubou gado da Missão Suíça, que pastava nas proximidades da cidade, contando-se entre aqueles um dos nossos rapazes, chamado Tandane, aprisionado por um guerreiro da Moamba, e um homem do clan da Maota, que por ali passava. Os cativos foram levados a N'uamantibiane, a quem o saque pertencia e, desde que tinha sido um dos seus homens quem tinha aprisionado o homem da Maota, obteve ele licença para o matar. Este guerreiro, doido de alegria, levou imediatamente a sua vítima e matou-a a sangue frio, vindo em seguida dançar diante do chefe. O homem da Moamba pediu para fazer outro tanto. Mas N'uamantibiane desejava utilizar o rapaz para fazer chegar uma mensagem ao governo português e recusou essa autorização. O homem insistiu, devorado por uma sede insaciável de derramar sangue. Ofereceram-lhe em compensação um ou dois dos bois roubados, mas ele não se dava por satisfeito e clamava: «quero matá-lo para poder dançar!» N'uamantibiane teve de empregar a força para o reduzir ao silêncio, pois dois bois, doze libras esterlinas não eram nada em comparação com a felicidade infernal que este guerreiro negro desejava gozar praticando o *guila*. Tandane foi de facto o portador da carta do chefe. Nela, este, perguntando aos Brancos por que motivo o desejavam matar, solicitava-lhes uma entrevista. Ao expedi-lo exclamou: «Agora respiro, e o que como posso engolir!». O governo português concedeu a entrevista, mas a resposta foi interceptada e a guerra continuou, tendo-se estendido como já se viu ao país do Gungunhana e terminando pela captura deste déspota e a destruição do seu régulo.»

O Zixaxa aparece-nos aqui como alguém angustiado, hesitante e com intenções de negociar. De qualquer forma, a ele se deveu o desencadear das hostilidades, que levaram à sua derrota.

Segundo um telegrama ao Comissário Régio A. Enes, Zixaxa apresentara-se no *Kraal* de Gungunhana no dia 25 de Julho de 1895, cinco dias após a chegada de Aires de Ornelas e J. J. Almeida, a Chicomo, a caminho do Manjacaze, onde iam exigir a sua entrega pelo régulo de Gaza. Zixaxa fizera-se acompanhar por 200 a 300 homens seus e algum gado, que ofereceu ao Gungunhana, em sinal de vassalagem definitiva. Este aceitou e ordenou que voltassem para as terras da Cossine.

Nas exigências apresentadas alguns dias depois, no Manjacaze, aquela em que os portugueses se mostravam mais intransigentes era precisamente a entrega do Zixaxa e do Mahazul. O régulo, porém, hesitava, dizendo que desconhecia o seu paradeiro, mas que mandaria capturá-los.

Em princípios de Setembro desse ano de 1895, os portugueses voltam a exigir a entrega do Matibejana, no prazo de três dias. Perante a recusa, deu-se então o combate de Magul, terra que pertencia àquela região da Zixaxa. Apesar de numerosos, os indígenas são vencidos; e a sua derrota tornou ainda mais crítica a situação do Mamatibejana.

Continuam os portugueses a exigir a sua entrega; e Gungunhana a recusar-se a cometer uma traição para com o seu protegido. Mas de nada lhe serviram as suas boas intenções iniciais. Instado pelos portugueses e querendo salvar a sua pele, o régulo de Gaza decide-se mesmo à traição, tendo mandado entregar o Mamatibejana ao comandante do posto de Languene, em 13 de Dezembro de 1895. Duas semanas depois tinha lugar a prisão de Gungunhana.

Eis como Mousinho conta a entrega do Zixaxa:

«No mesmo dia 13 vieram cinco enviados do Gungunhana, trazendo Mamatibejana com duas mulheres, para elas verem o marido morrer e voltarem depois para o régulo vátua. É claro, o tenente Miranda não satisfez este desejo manifestado em tom de ordem; e, depois de interrogados, mandou os vátuas embora para dizer ao Gungunhana que mandasse também o Mahazul e todas as mulheres, gado e dinheiro dos dois régulos rebeldes, sendo do Mamatibejana,

segundo ele declarou, dez mulheres, um irmão dele que fugiu da missão suíça, 53 libras em ouro, três vacas e dois burros.

O Mamatibejana, além de muitas coisas sem importância acerca da guerra, disse que (...) fora a Manjacaze chamado pelo Gungunhana.»

O Zixaxa havia sido entregue ao tenente Sanches de Miranda, comandante do posto de Languene, que aí o manteve até ao regresso de Mousinho de Albuquerque, de Chaimite, com o Gungunhana aprisionado.

Foi também durante esta marcha, mas na ida, que Godide lhe veio entregar as restantes dez mulheres do Zixaxa. Mousinho de Albuquerque autorizou-o a escolher, de entre todas apenas três, que o acompanharam até Lisboa, juntamente com as sete de Gungunhana.

O facto de Gungunhana o ter entregado aos portugueses e as acusações que se faziam mutuamente, aquando das acareações, em Lisboa, deve ter feito nascer entre ambos uma certa animosidade. Todavia, o infortúnio destinava-lhes dez anos de vida em comum, comendo e dormindo lado a lado.

De alguns anos mais tarde, e já nos Açores, temos um retrato de Zixaxa, publicado por Alice Moderno, no seu jornal *A Folha* de 12-V-1912, numa entrevista que a escritora fez então ao prisioneiro, no castelo de Angra do Heroísmo. Eis as palavras com que o descreve: «É um bonito preto, alto e desempenado, e tem um lindo porte e um melancólico orgulho de príncipe exilado». Ao encerrar o artigo, diz Alice Moderno que, segundo informação posterior, Zixaxa é um «terrível *lovelace*», apesar da sua «incurável tristeza». Nessa data já Zixaxa havia constituído família e era pai de um rapazinho também chamado Roberto Zixaxa. Aliás como se chamaria igualmente o filho deste, emigrado da Terceira para o Canadá ou Estados Unidos, desde há poucos anos.

Zixaxa viria a falecer em 13 de Novembro de 1927, depois de ter cumprido aproximadamente trinta e dois anos de exílio.

### 3. Molungo

Molungo, tio de Gungunhana, é, de todos os prisioneiros, a figura mais apagada e misteriosa. Os escritos sobre a guerra em Moçambique falam muito pouco dele; e nem compreendemos que, tendo Molungo sido feito prisioneiro em Chaimite, juntamente com um irmão, o Pissano, este tenha lá ficado e ele tenha tido de acompanhar o sobrinho no exílio.

Molungo era filho de Manicusse e de Sojamba, era portanto um dos muitos irmãos de Muzila, colaboradores e conselheiros de Gungunhana. É estranho que, na lista dos nomes dos filhos de Manicusse, apresentada por Gomes da Costa, em *Gaza: 1897-98*, não figure o nome de Molungo. Seria assim tão insignificante? No entanto foi feito prisioneiro e trazido para o exílio...

Que culpas graves pesavam sobre Molungo, para que tivesse sido exilado?

O velho Molungo parece ter vivido sempre junto do sobrinho, ao contrário de muitos dos irmãos, que eram senhores de terras; e, como Queto, não era favorável às pretensões portuguesas. Terá sido este o seu crime?

Autores portugueses acusam-no de ter ido roubar bois do Intimane; mas, se a rapina fazia parte dos hábitos angunes, porquê castigar apenas Molungo?

Terá certamente entrado em combate ou comandado algumas *mangas* nas lutas contra os portugueses. Mas os regimentos eram uma vintena. Porquê castigar apenas este e não todos os chefes militares?

O prisioneiro Molungo era um velho de barba branca, que teria entre 60 e 70 anos. Assim tão idoso, que perigo poderia representar para Portugal?

Nos documentos que consultámos, não lhe é atribuída qualquer actuação crapulosa. Ter-se-á tratado de um mero capricho de Mousinho de Albuquerque?

Molungo era o modelo de uma personalidade rática bem definida: oriundo de um povo violento, dado à prática da guerra e da caça, não temia o ódio que o branco lhe pudesse votar. Habitado a enfrentar o animal selvagem, não era agora, já velho, que ia estremecer perante

as ameaças, ou enternecer-se com os sorrisos e os presentes com que pretendiam suavizar-lhe o cativo.

O seu património de crenças, de usos, de tradições, era demasiado pesado para, na sua idade, o poder abandonar. Por isso se recusará a aprender a ler e a escrever.

Ao contrário dos outros prisioneiros, que diziam ser muito amigos dos portugueses, ele confessava abertamente que os odiava e nada queria com eles. Nem para eles olhava, mesmo quando lhe falavam. Macambúzio, reservado, silencioso, rancoroso, Molungo é aquele que não quer abdicar da sua identidade e que parecia recusar uma possível assimilação. Todavia Molungo virá a vestir-se à moda europeia e, nos Açores, será baptizado. As grandes quedas modificam as pessoas adoçando-lhes, por vezes, as asperezas do carácter?

Depois da conversa com Zixaxa, Alice Moderno dirige a sua palavra a Molungo, que também já falava português, ou, pelo menos, compreendia-o. Nesta data, restava ao Molungo muito pouco tempo de vida, pois viria a falecer em 5-X-1912. Teria então uns 83 anos. Velho e cego, tem, contudo, ainda, a lucidez para rir ironicamente, quando ela lhe pergunta se gosta de estar em Angra. Primeiro ri e depois «suspira sugestivamente a sua saudade do torrão natal».

Molungo caiu de pé, perante a força do branco, ao contrário de Gungunhana que, assustado, caiu de joelhos.

#### 4. Godide

Godide era, como atrás dissemos, um bastardo de Gungunhana, fruto dos amores contrariados deste com Vuiaze, a jovem bela e fácil de pele acobreada, que Muzila recusara para nora e que desapareceu sem deixar rasto.

Tendo tido como mãe substituta Sonie, foi criado junto do pai, que sempre lhe dedicou um grande afecto.

Desde cedo o régulo o escolheu para lhe suceder, em detrimento de Buissonto, o legítimo primogénito, e de Mangua, o mais inteligente, falecido em 1895, em circunstâncias misteriosas. Mangua havia frequentado, durante alguns anos, a *Escola de Artes e Ofícios*, na ilha de Moçambique, e era muito afecto aos portugueses. Sabemos que as

suas relações com Godide eram de rivalidade, afrontando-se por vezes com violência.

Em 1890, J. A. Mateus Serrano havia visitado o Manjacaze, e, estando hospedado nas instalações do intendente português, aí recebeu um dia a visita de Godide, já então indicado como o sucessor ao trono de Gaza. Serrano acha-o «um rapaz inteligente, vivo e velhaco», com as feições do pai. E conta que Godide «princípios a aprender o português, mas nem o professor se lhe impunha pelo respeito, nem o rapaz criou muito empenho em saber uma língua 'que lhe não dava vantagem nenhuma', segundo ele disse. Almoçou e estranhou a sobriedade da mesa: 'Os ingleses comem melhor, têm sempre muita carne e muito vinho bom'».

Godide teria então uns 15 anos, vivendo alegre e despreocupado, na sua palhota, rodeado de amigos da sua idade e de escravos que o serviam. Maxazi, um desses serviçais, foi contactado por Julião Quintinha, em 1926; e a sua fotografia encontra-se em *A Derrocada do Império Vátua*, que este escritor então publicou.

Segundo A. Soares Andrea, comandante da lancha-canhoneira *Capelo*, no seu relatório sobre *A Marinha de Guerra na Campanha de L.M. e contra o Gungunhana, 1894-1895*, Godide, no dia 26-X-1895, ao regressar do Chai-Chai, foi batido e derrotado pela artilharia da *Capelo*, que operava no Limpopo. Godide terá dito depois que a *estimela* (nome dado pelos indígenas à lancha, do inglês *steam*) *punha tantas balas no ar que pareciam moscas*.

Comentando o sucedido, Soares Andrea diz que Godide tivera a veleidade de se bater com a *Capelo*, com a «soberba arrogância e lealdade que possuía essa raça», mas que ficou então a conhecer a força daquelas armas utilizadas por europeus.

Foi certamente o baptismo de fogo de Godide; um baptismo de sangue, morte e derrota, que vai repetir-se na batalha de Coolela, onde comandava três regimentos: o dos «Silenciosos» e dois dos «Fidalgos valentes». Godide, que teria então uns 20 anos, começa a ser um jovem de certezas desmoronadas.

Na marcha para Chaimite, no dia 27-XII-1895, Mousinho de Albuquerque recebe uma primeira embaixada de Gungunhana, pedindo-lhe para não avançar mais, pois decidira vir entregar-se. Mousinho escreve então a Soares Andrea, que o esperava na *Capelo*, a dar conta do desenrolar dos acontecimentos; e diz-lhe que exigira

a vinda de Godide, Manhune, Molungo e Maguiguana. Dos quatro, vem apenas Godide, portador de um presente e com a promessa de que o pai viria entregar-se. Mousinho manteve-o então como refém, mandando avisar o pai que o fuzilaria, se ele não viesse. Contam alguns autores que Gungunhana entretanto tentara fugir; e só desistiu por Sonie, a seus pés, lhe ter suplicado que poupasse a vida de Godide.

No seu relatório, Mousinho de Albuquerque diz que, após ter prendido o Gungunhana, Impiubecassamo se rojou a seus pés, suplicando-lhe que poupasse a vida ao régulo e a Godide, pois que a ambos criara como filhos.

Godide, gozava pois de um amor profundo tanto da mãe como da avó, ambas elas adoptivas. Com efeito, um dos aspectos da personalidade de Godide era a capacidade de despertar a simpatia das mulheres, no que serão concordes todos os jornalistas portugueses, ao retratá-lo, após a sua chegada a Lisboa. Um pouco atrevido, mas correcto, galanteador, agradável, cativante. Godide possuía o dom da empatia; e era, sobretudo, optimista. Godide nunca pensara que não voltaria mais ao seu país. Em Lisboa, havia dito algumas vezes, em entrevistas a jornalistas, que desejaria regressar casado com uma mulher branca.

Nas suas palavras, no seu sorriso, havia algo que contagiava o interlocutor, tanto masculino como feminino. Godide parecia ter o dom de apagar ódios e preconceitos. Encenação, dir-se-á; pois se representava, a sua actuação era a do bom actor, exímio no domínio do sentimental. Godide conquistava emotivamente.

Ao contrário de Molungo, que confessava abertamente o seu ódio aos brancos, Godide não mostrava sentir por estes qualquer rancor. Não só aceitava, como apreciava a diferença. Parecia vislumbrar já a essência da multiplicidade e da variedade, tal como a apercebem hoje sociólogos, antropólogos e etnólogos...

Godide era o tipo do *bárbaro elegante e agradável*: um *bárbaro* civilizado, bem humorado, sensato e digno, mais correcto e educado do que muitos brancos.

Gungunhana sempre tivera por Godide uma predilecção especial; mas também a dedicação filial por este manifestada, muito impressionou os portugueses: as suas lágrimas e súplicas, na tentativa de ilibar o pai; o respeito, a atenção e presteza com que acorria a prestar-lhe qualquer serviço.

Qual o principal crime de Godide? Pensamos que a sua prisão foi devida apenas ao facto de ser o herdeiro ao trono de Gaza. Ele era a certeza da continuidade monárquica daquele reino e o símbolo da resistência africana, portanto um perigo que urgia eliminar.

Até para os negros inimigos de Gaza, Godide representava o perigo da sobrevivência do império. E, na imaginação africana, algumas dezenas de anos depois, ele regressava, de quando em quando, sob a forma de gafanhoto. Era assim que o cantavam os seus inimigos Chopes, ao verem aproximar-se as nuvens de gafanhotos. Estas eram, para eles, como o regresso das terríveis e assustadoras *impi* de Gungunhana, agora formadas pelos companheiros e filhos de Godide, disfarçados, vindos para a represália de antigas hostilidades (Maria Henriqueta Calçada Bastos e C. Montez, *Kossi N'Ouaio*, p. 6).

Mas Godide poderia ter ficado antes como símbolo da possibilidade de se amar dois mundos diferentes.

No dia 31 de Julho de 1911, com uns 32 anos de idade e após 16 anos de exílio, Godide entregava a alma ao criador. Morreu de tuberculose, disseram os médicos. Porém, o jornalista que redigiu a notícia, dizia que Godide morreu de saudade.

## 5. Conclusão

Ao chegarem aos Açores, havia nos quatro prisioneiros africanos a esperança de um dia regressarem às suas terras. Não foram julgados por qualquer tribunal; no entanto aí ficaram presos para o resto dos seus dias.

Muitos portugueses não estiveram de acordo com esta condenação sem julgamento, protestando publicamente na imprensa, mas não foram ouvidos.

Zixaxa era um régulo rebelde de segunda categoria, senhor de poucas terras. Foi exilado, por Gungunhana o ter entregado às autoridades portuguesas. Molungo tinha como culpas o facto de ser tio e conselheiro de Gungunhana. Quanto a Godide, o seu grande crime vinha do perigo que representava para Portugal, como herdeiro e sucessor ao trono de Gaza. Gungunhana seria, pois, o único culpado...

Segundo afirma em alguns dos seus relatórios o conselheiro José Joaquim de Almeida, o Gungunhana afirmava publicamente ser «filho

do rei de Portugal». Dizia sentir-se português e, a alguns estrangeiros que vinham solicitar-lhe a concessão de terrenos, respondia que se dirigissem às autoridades portuguesas, pois ele era apenas o administrador das terras de Gaza.

Gungunhana vivia pressionado por ingleses e portugueses, mas era para estes últimos que mais se inclinava, como afirma J. J. Teixeira Botelho, na sua *História Militar...* (p. 410), ao referir-se a este jogo de solicitações:

«... não só o régulo por mais de uma vez declarou publicamente que era nosso vassalo e que não reconhecia outra soberania senão a nossa, chegando a responder a estrangeiros que lhe solicitavam concessões, que as terras eram do rei de Portugal e que a ele se deviam dirigir, senão também protestou contra a ocupação de certa parte do país dos matabeles pelos ingleses, alegando que as respectivas populações nos pagavam tributo.»

Pouco antes de ser preso, na reunião de 9 de Agosto de 1895, que teve lugar próximo da sua residência, na presença de José de Almeida e de Aires de Ornelas, Gungunhana havia declarado que tudo faria para que os portugueses não o atacassem; e prontificou-se a enviar imediatamente o seu tributo de vassalagem, garantindo que, sendo este aceite, licenciaria o exército que aí tinha reunido. Igualmente se prontificou a mandar procurar os dois régulos rebeldes, desejando que, na sua busca, tomassem parte soldados portugueses, para que não fosse depois arguido de desleixo.

Gungunhana licenciou o seu exército e entregou o Zixaxa, mas de nada lhe valeu. A sua destruição estava prevista desde a primeira missão de Mousinho de Albuquerque em Moçambique (1891-1892), como nos damos conta, ao ler os documentos de então. Mousinho declara que os portugueses só terão sossego em África, quando se tiver destruído Gungunhana, seus herdeiros e seus partidários.

Gungunhana estava destinado a ser repasto das potências europeias. Para qualquer lado que se voltasse, os presentes e propostas de amizade só tinham um fim: o apoderar-se das suas terras. Portanto, se não tivessem sido os portugueses, teriam sido certamente os ingleses.

Acusam-no frequentemente de traidor e de indeciso. Como não, se a situação era esta! Por isso hesitava, ora mandando presentes e propostas de paz, ora tomando atitudes de rebeldia.

Resumindo, diremos que, às culpas de Gungunhana, deveram os seus companheiros a pena de prisão perpétua suportada; porém, o crime maior do régulo consistiu em ser uma presença incómoda, um estorvo à instalação calma dos portugueses nas suas terras.